

Ainda Capitu!

Zahidé L. Muzart *

“Não é a verdade que vence, é a convicção”.

Esau e Jacó

Os frutos de uma laranjeira, se ninguém os gostar, valem tanto como as urzes e plantas bravias, e se ninguém os vir, não valem nada: ou, por outras palavras mais enérgicas, não há espetáculo sem espectador”. *O Segredo do Bonzo*.

Neste trabalho, vamos tentar analisar a personagem *Capitu*. Mas, para evitar repisar velhos chavões, repetir aquilo que os críticos já disseram, tentaremos uma nova abordagem que nos foi sempre sugerida a cada releitura de *D. Casmurro*. Tentaremos provar em primeiro lugar a não-problematicidade da personagem e, em seguida, a realização, em *Capitu*, de uma personagem virtuosa e inteiriça, no sentido moral. *Capitu*, apesar de ser chamada de “a mais fascinante personagem feminina de nossas letras” (1) nem por isso deixa, numa perspectiva muito machista, de ser acusada de traição a cada ensaio, a cada artigo. Proponho-me aqui, em uma perspectiva mais atual, com outro enfoque, a fazer a defesa de *Capitu* não somente uma das mais fascinantes mas, eu diria, uma das mais inteligentes personagens de nossas letras.

Temos em toda a obra machadiana uma recusa contínua do romanesco à maneira de seus contemporâneos e uma dessacralização do amor que fica sujeito aos valores degradados que governam a sociedade burguesa da época.

Bentinho é figura pálida, submisso à mãe, não ousando gestos contrários. “Como eu buscasse contestá-la, repreendeu-me sem aspereza, mas com alguma força, e eu tornei ao filho submisso que era” (2).

Capitu é uma mulher livre — possui sua vida e a governa. Tem reações de mulher inteligente e faz as coisas à sua maneira. É um ser superior e, como tal, capaz de ver seu passado, aproveitar-lhe as lições (pobreza), prever um futuro e fazer projetos.

* Professora de Literatura Brasileira na UFSC.

A grande arte machadiana está na ambigüidade, no uso das meias tintas e no mascaramento. Cada personagem é e não é, parece uma coisa e é outra. Em *D. Casmurro*, Machado tomou Bentinho como o ser descontínuo, ele adolescente — fase em que vê o mundo com olhos novos, isto é, sem acúmulo de experiência. Isso é o mais notável em Capitu já, com apenas 14 anos, capaz de planificar o seu futuro. Capitu é um ser contínuo, desenvolvendo uma linha de conduta. Aos 14 anos é, em potência, o que será no fim do romance. Bentinho é o ser descontínuo, o herói problemático. Vê-se no olhar dos outros: “Pois, francamente, só agora entendia a emoção que me davam essas e outras confidências”. “porque a denúncia de José Dias, meu caro leitor, foi dada principalmente a mim. A mim é que ele me denunciou” (3).

Bentinho encontra-se e perde-se a cada passo. É um ser existencial e não essencial.

O objetivo de Bentinho, na juventude é o de ser feliz: “Tu serás feliz, Bentinho; tu vais ser feliz” (4), o de amar, ter filhos, amigos verdadeiros, paz, não ambiciona mais do que tem e seu ideal de vida é o da burguesia. Já na maturidade, seu objetivo é outro já que ser feliz aparece-lhe como uma falácia, uma balela. O que procura é reencontrar o eu pela lembrança, pela ressurreição do passado e saber a verdade de uma existência.

Virtude, no sentido geral é poder (físico ou moral e algumas vezes participando de um ou outro), propriedade de uma coisa considerada como a razão dos efeitos que ela produz. No sentido moral, a virtude é a disposição permanente em querer cumprir uma espécie determinada de atos morais. Tomaremos a palavra no sentido de fidelidade a seus próprios princípios como traz o *Vocabulaire Lalande* (5).

A virtude de cada um é também de persistir no seu ser. A virtude consiste em ter êxito naquilo que se propõe, em tornar-se semelhante àquilo que se espera atingir, que se espera ser. A virtude não é somente determinada pela situação que um ser ocupa no universo mas pela perfeição com a qual ele sabe ocupar este lugar.

A virtude é a recusa das fraquezas humanas. Cada um deve obedecer somente à sua própria natureza. Bentinho é possuidor da virtude tradicional burguesa:

Bom filho: “Eu só gosto de mamãe” (p. 57) (6).

Bom marido: “Ao fim de dois anos de casado, salvo o desgosto grande de não ter um filho, tudo corria bem” (p. 116) (7).

Bom pai: “Fora, vivia com o espírito no menino; em casa, com os olhos a observá-lo, a mirá-lo, a perguntar-lhe donde vinha . . .” (p. 120)⁽⁸⁾.

Já Capitu é uma personagem cujos atos estão dominados por uma ideologia. A inteligência não se opõe senão ao seu contrário: à burrice, no caso, à virtude tradicional. Como Bentinho é o possuidor do dinheiro, e representa a ascensão àquela classe social alienada e alienante que explora, Capitu vai aproximar-se dele premeditadamente, em função de uma concepção geral de vida. Ela é uma mulher calculadora, uma mulher que faz projetos e os executa. Fixa-se num futuro para impor-lhe a forma que se propôs como fim. Sua conduta é o resultado de seus princípios e a consciência lhe aparece como sua própria providência. O projeto é a projeção exterior da vontade sobre uma outra vontade tendo como fim a posse dessa vontade. A essência do projeto é complexa, pois, essa vontade estranha existe interiormente, ela tem seu próprio destino, seu próprio tempo. O projeto de Capitu consiste então em querer impor a Bentinho uma existência temporal nova, uma nova maneira de viver no tempo, um destino diferente que terá por criador e por governador a sua vontade. Essa posse só será cumprida quando o ser possuído terá cedido. Tal como os romances de Balzac, D. Casmurro parece implicar uma eliminação total do acaso. Será então a verificação de um cálculo, a realização de um programa. O romance é a história de um projeto mas que termina mal porque o ser reificado, — Bentinho — descobre a falsidade dos valores e revolta-se.

A virtude é, objetivamente, fidelidade a seus princípios, é o conjunto de regras de conduta que se reconhecem como válidas. A virtude de Capitu é de perseverar no seu ser. Aqui, a virtude consiste em triunfar naquilo que se propôs, a tornar-se semelhante à idéia que ela projetou de si mesma.

Nós a vemos afastar todos os obstáculos ao seu desenvolvimento: “De repente, cessando a reflexão fitou em mim os olhos de ressaca, e perguntou-me se tinha medo” (Cap. XLIII) p. 59⁽⁹⁾.

“ — Se você tivesse de escolher entre mim e sua mãe, a quem é que escolhia?” (Cap. XLIV, p. 60)⁽¹⁰⁾.

Nós a vemos perseverar no seu projeto. É a virtude do lado errado, do lado degradado mas é, no entanto, uma espécie de virtude.

Bentinho, “bem nascido”, paradoxalmente não tem as noções de classe social que, inutilmente, o agregado José Dias tenta infundir-lhe. As razões de dinheiro e posição social lhe são alheias ao espírito — não é

escravo de considerações puramente materiais. Isto vemos muito bem no Cap. XXX — O santíssimo — quando J. Dias obriga ao pai de Capitu, o Pádua, a ceder a vara do pálio para Bentinho. “Pela minha parte, quis ceder-lhe a vara . . .” (11). Cap. XC — A Polêmica onde relata uma quase amizade com um pobre rapazinho leproso.

Notamos que os “bons” do romance — Bentinho, sua mãe, em parte Tio Cosme (apesar da indiferença), pertencem à classe mais rica e os “maus” ou melhor, os interesseiros, Capitu, Pádua, José Dias, Prima Justina, Escobar pertencem à mais pobre. Como diz, muito bem Roberto Schwarz “De um lado, os proprietários e a propriedade (que tem forma mercantil); do outro, os homens livres, sem propriedade e sem salário — o trabalho cabe aos escravos — que só através do favor dos primeiros participam da riqueza social” (12).

De um lado, a família Santiago, proprietários, do outro, os agregados, José Dias, Prima Justina, os vizinhos pobres, os Pádua que contam casar a filha nesta família e Escobar que, com dinheiro emprestado, por favor de D. Glória, inicia seus negócios. O regime do favor no sistema paternalista é extremamente bem estudado nos primeiros romances machadianos (da assim chamada primeira fase) por Roberto Schwarz em *Ao Vencedor as Batatas* (13).

Retomando nossa idéia diretora, vemos que os virtuosos no sentido comum da palavra, na acepção comum, são os “chatos” na obra machadiana, os de menor densidade psicológica. Vemos às outras personagens às quais não bafejou a fortuna tentarem a luta pelo favor. É então que Capitu mostra-se mais e mais inteligente. Ela tem um temperamento não submisso, voluntarioso tal como se mostra na passagem seguinte, Cap. XVIII:

“Enfim, tornou a si, mas tinha a cara lívida, e rompeu nestas palavras furiosas:

— Beata! Carola! Papa-missas!” (14)

quando Bentinho conta-lhe que deveria entrar no Seminário. A partir de então, e mesmo antes, Capitu passa a viver o *projeto* — torna-se muito religiosa, submissa, aparentando todas as qualidades que a família patriarcal brasileira preconizava, todas as qualidades de feminilidade, consideradas essenciais para a mulher, para a conquista da praça-forte — D. Glória.

Pela gentileza:

“Cabral ouviu as palavras de Capitu com infinito prazer.

— Obrigado, Capitu, muito obrigado; estimo que você goste também. Papai está bom? E mamãe? A você não se pergunta; essa cara é mesmo de quem vende saúde. E como vamos de rezas?

A todas as perguntas, Capitu ia respondendo prontamente e bem. Trazia um vestidinho melhor e os sapatos de sair. Não entrou com a familiaridade do costume, deteve-se um instante à porta da sala, antes de ir beijar a mão a minha mãe e ao padre” (Cap. XXXIX, p. 54) ⁽¹⁵⁾.

Pela adulação:

“Não deixou minha mãe, senão para ir embora” ⁽¹⁶⁾.

Com dissimulação:

“— E você, Capitu, interrompeu minha mãe voltando-se para a filha do Pádua que estava na sala, com ela, — você não acha que o nosso Bentinho dará um bom padre?

— Acho que sim, senhora, respondeu Capitu cheia de convicção” (Cap. LXV, p. 80) ⁽¹⁷⁾.

“ — Com D. Glória e D. Justina mostro-me naturalmente, para que não pareça que a denúncia de José Dias é verdadeira. Se parecesse, elas tratariam de separar-nos mais, e talvez acabassem não me recebendo . . . Para mim, basta o nosso juramento de que nos havemos de casar um com outro” (p. 81) ⁽¹⁸⁾.

“Era isto mesmo; devíamos dissimular para matar qualquer suspeita, e ao mesmo tempo gozar toda a liberdade anterior, e construir tranquilos o nosso futuro” ⁽¹⁹⁾.

“Minha mãe . . . contou que, dias antes, estando a falar de moças que se casam cedo, Capitu lhe dissera: “Pois a mim quem me há de casar há de ser o padre Bentinho; eu espero que ele se ordene!” ⁽²⁰⁾.

Pela demonstração de qualidades domésticas (trabalho: costura, enfermagem)

“Capitu ia agora entrando na alma de minha mãe. Viviam o mais do tempo juntas, falando de mim, a propósito do sol e da chuva, ou de nada; Capitu ia lá coser, às manhãs; alguma vez ficava para jantar” ⁽²¹⁾.

“Como minha mãe adoecesse de uma febre que a pôs às portas da morte, quis que Capitu lhe servisse de enfermeira” ⁽²²⁾.

No capítulo LXXVIII, o próprio Bentinho, contando a Escobar, das razões por que não poderia ser padre, fala-lhe de Capitu e das qualidades desta que são as exigidas da mulher do tempo:

“Eu louvava as qualidades morais de Capitu, a simpleza, a modéstia, o amor do trabalho e os costumes religiosos” (23).

Outros exemplos da conquista de D. Glória por parte de Capitu:

“Sucedeu que a minha ausência foi logo temperada pela assiduidade de Capitu. Esta começou a fazer-se-lhe necessária. Pouco a pouco veio-lhe a persuasão de que a pequena me faria feliz” (24).

Capitulação de D. Glória:

“Capitu passou a ser a flor da casa, o sol das manhãs, o frescor das tardes, a lua das noites; lá vivia horas e horas, ouvindo, falando e cantando” (25).

“Disse-lhe que não podia desejar melhor nora para si, boa, discreta, prendada, amiga da gente . . . e uma dona de casa, que não lhe digo nada” (26).

Na sociedade patriarcal, há um fosso entre as diferenças de oportunidades, de educação, de fins entre o homem e a mulher. A mulher era educada exclusivamente para o casamento, para a procriação. As possibilidades de ascensão social eram então limitadíssimas já que pelo trabalho, praticamente, impossíveis. Ou a mulher ascendia naturalmente por bens de fortuna, ou por herança ou pelo casamento. Esse tema do “mercado matrimonial” já ousadamente (para a época) abordado por José de Alencar, em *Senhora*, volta a ser objeto de análise por parte de Machado tanto nos romances da primeira fase como *A mão e a luva*, *Helena*, *Iaiá Garcia* como nos da segunda — *Brás Cubas*, *D. Casmurro* e em inúmeros contos. Não diríamos que há na constatação de Machado uma crítica propriamente, pois, em *A Mão e a Luva*, isso é até justificado.

Em *D. Casmurro*, a opção, a escolha cabe a Capitu. “Pois embora na aparência os homens sejam senhores de suas ações freqüentemente a parte forte é, na verdade, a mulher” como diz Lúcia Miguel — Pereira em *Prosa de Ficção* (27).

Capitu, mocinha pobre vê o que vê sua “irmã” Guiomar pela “fenda” (28) que revela a sociedade despreocupada dos “bem nascidos”.

Há um exemplo que, analisado por Eugênio Gomes, é interpretado como uma reminiscência proustiana, um afã de recuperar o tempo irreversível da adolescência. O Capítulo XVIII é aquele da revelação a Capitu das intenções, de D. Glória, de enviar o filho ao seminário. Depois de uma explosão de temperamento, Capitu deixa-se ficar silenciosa refletindo nas

prováveis soluções. É quando passa o preto das cocadas, cantando:
Chora, menina, chora,
Chora, porque não tem
Vintém.

E deixa-lhe, segundo o narrador, uma impressão aborrecida que não seria da toada, visto que Capitu a sabia de cor. Parece-nos evidente que o conteúdo da toada “destinado a picar a vaidade das crianças” a revoltou e a fez tornar à realidade. Fim dos sonhos de grandeza, realmente ela era a “menina sem vintém” e sua possibilidade de fugir a esse destino fugia-lhe para o seminário. A visão do futuro igual ao presente, “sem vintém”, faz com que Capitu mergulhe na realidade, pobre e sem fantasias. Dominada então pelo desejo de ter, pela obsessão de subir na hierarquia social; daí sua fixação pelo casamento rico que se torna a motivação de todos os seus atos. Diz Flávio Loureiro Chaves ⁽²⁹⁾ que “o interesse é uma mola da temática machadiana e uma verdadeira convenção literária, é um dado primordial na caracterização das personagens que, desprovidas desse elemento constitutivo, tornar-se-iam incompreensíveis”. Para Capitu, Bentinho vale pelo seu valor de troca. Vai trocá-lo pelo que ele representa para ela: posição social, dinheiro, segurança. O dinheiro é mola mestra na composição de quase todas as personagens machadianas. Mas, é claro que sempre mascarado por outros sentimentos, aparentes e falsos. Aquilo que procura Capitu no casamento é o que lhe faltou até então: o estado exterior, a “paixão do arruído” como diz Brás Cubas ⁽³⁰⁾, o luxo, o parecer. Já em menina, quando imagina assistir à primeira missa de Bentinho padre vê-se somente na aparência: “Muita gente há de perguntar: “Quem é aquela moça faceira que ali está com um vestido tão bonito?” (Cap. XLIV, p. 61)⁽³¹⁾.

Depois de casada, na lua de mel, mostra enorme impaciência por andar nas ruas, fazer visitas: “A alegria com que pôs o seu chapéu de casada, e o ar de casada com que me deu a mão para entrar e sair do carro, e o braço para andar na rua, tudo me mostrou que a causa da impaciência de Capitu eram os sinais exteriores do novo estado. Não lhe bastava ser casada entre quatro paredes e algumas árvores; precisava do resto do mundo também” (Cap. CII, p. 115)⁽³²⁾.

Capitu é a personagem não-problemática porque nela há um acordo com sua época, com seu tempo, não se verifica nenhum estranhamento; nem seu comportamento, nem seu pensamento se conservam dominados pelos valores qualitativos mas pelos de troca.

Bentinho procura valores autênticos, Capitu aqueles que a sociedade sanciona e admira. Capitu só se realiza conseguindo o que projetara: um casamento rico. Estando-lhe fechada a sociedade ela opta, inteligentemente por esse meio de ascensão, o casamento. Ambiciosa e decidida é ela quem comanda mas, numa sociedade hipócrita, onde a mulher é comumente reificada, Capitu tem de fazê-lo de maneira sorrateira e velada. É ela quem escolhe Bentinho e quem também escolhe os métodos de conquista. A opção é dela. E de mulher-objeto, mulher reificada por uma sociedade reificadora, de oprimida passa a opressora. A burguesia dissolveu a dignidade da pessoa no valor de troca. Às relações familiares ela arrancou seu véu de sentimentalismo, reduziu-as a uma simples relação de dinheiro . . . Tudo o que era sólido, bem estabelecido se volatiliza, tudo aquilo que era sagrado se encontra profanado e ao fim os homens são forçados a considerar de modo desenganado o lugar que eles mantêm na vida e suas relações mútuas.

A crítica de Machado não se dirige ao adultério, como tal, mas sim à traição da confiança. Observa-se em Machado, sempre, um desmascaramento da classe média, seus valores degradados e suas convenções morais. Ora, a fidelidade unilateral no casamento é uma convenção vitoriana e um mito. O romance sugere que Capitu não era completamente feliz com Bentinho. Encontrei uma interpretação muito interessante em *Equívocos da Crítica* de Alfredo Jacques, sobre o famoso episódio das libras esterlinas. Reproduzo a passagem: “(esse capítulo) conta em linguagem figurada, quando Capitu começou a enganar Bentinho e por que o fez. Narra em termos convencionais que, na realidade, possuem a riqueza e a ambigüidade do significado das representações oníricas. Emprega a palavra dinheiro como símbolo erótico.

Nas perfrases e subentendidos desse diálogo, Capitu revela-nos insatisfação sexual. O dinheiro (amor) que o marido lhe dá é pouco e sem valor (dinheiro-papel). Escobar porém o valoriza, convertendo em dinheiro-ouro (amor verdadeiro)” (33). Essa interpretação de Alfredo Jacques parece-nos bastante pertinente. Já em outra ocasião afirmara Bentinho que Capitu “Era mulher por dentro e por fora, mulher à direita e à esquerda, mulher por todos os lados, e desde os pés até a cabeça” e que “Capitu era mais mulher do que eu era homem” (35).

Segundo Simone de Beauvoir “Quando a mulher começa a duvidar da superioridade dos homens, as pretensões deles não fazem senão diminuir a estima que poderia dedicar-lhes” (36). Ora, em todo o romance

temos várias provas de que Capitu considerava-se superior a Bentinho. Vamos dar apenas um exemplo, de Capitu menina ⁽³⁷⁾.

“Capitu tornou ao que era, disse-me que estava brincando, não precisava afligir-me, e, com um gesto cheio de graça, bateu-me na cara sorrindo, e disse:

— Medroso!”

Capitu revoluciona a galeria de personagens femininos da literatura brasileira, deixa de lado a imagem santificada e santificadora das mulheres, em geral. Vemos, até então na literatura brasileira que a mulher é mito. Quando boa — santa. Quando má — demônio. Ora Capitu nem boa nem má, apenas uma mulher inteligente.

A inevitabilidade da derrota da personagem central revela em Machado de Assis uma propensão para descrever o mundo degradado como invencível. Segundo Lúcia Miguel-Pereira ⁽³⁸⁾, “para que Capitu malograsse” teve o romancista que recorrer, contra os seus hábitos, a uma circunstância fortuita: à semelhança de seu filho com o amigo do marido. Se tal não se desse, ela viveria tranqüila e respeitada, malgrado o adultério. É possível que essa intervenção do acaso represente a sanção do único erro cometido pela astuciosa: amar Escobar. O sentimento enfraqueceu-a e pô-la à mercê da sina a que só escampam os fortes. Forte, porém, não é o que sabe somente querer, mas o que se sabe ajustar, com firmeza e perícia, ao ritmo da vida. Outra não é a lição de *Teoria do Medalhão*. Para sair da “obscuridade comum”, é preciso aceitar as coisas integralmente com seus ônus e percalços, glórias e desdouros, e ir por diante”.

Toda a ironia de seu destino está nessa coincidência providencial (de Providência). Capitu representa seu século, sua época: seus traços de caráter refletem as forças sociais ascendentes. É esta parecença que faz de Capitu não somente um ser de força, mas também um princípio de existência. Ela encarna a lei do presente, o egoísmo burguês. Da mesma forma que a sociedade burguesa esconde seus verdadeiros valores atrás de um muro de respeitabilidade e de intenções humanistas, Capitu envolve, disfarça seus verdadeiros pensamentos e seus interesses íntimos. Faz da ascensão social todo valor humano, mercadeia os sentimentos e reifica os valores qualitativos. Entretanto, para Machado de Assis, este sistema de existência contém seu próprio princípio de erosão. Não se pode concentrar sua energia somente nos valores degradados: dinheiro, posição, em prejuízo dos sentimentos, sem ao mesmo tempo romper a harmonia. No caso de Capitu, a natureza rebelou-se.

- (1) GOMES, Eugênio. *O enigma de Capitu*. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio, 1962.
- (2) *Dom Casmurro*. Cap. XLI, p. 57.
- (3) Idem, Cap. XII, p. 24 e Cap. X, p. 22.
- (4) Idem, Cap. C, p. 112.
- (5) Dictionnaire Lalande.
- (6) *Dom Casmurro*. Cap. XLI, p. 57.
- (7) Idem, Cap. CLV, p. 116.
- (8) Idem, Cap. CVIII, p. 120.
- (9) Idem, Cap. XLIII, p. 59.
- (10) Idem, Cap. XLIV p. 60.
- (11) Idem, Cap. XXX, p. 43.
- (12) SCHWARZ, Roberto. Só as Asas do Favor me protegem. In: *Almanaque*, nº 1, São Paulo, Editora Brasiliense, 1976. p. 13.
- (13) SCHWARZ, Roberto. *Ao Vencedor as Batatas*. São Paulo, Duas Cidades, 1977.
- (14) *Dom Casmurro*. Cap. xviii, p. 30.
- (15) Idem, Cap. XXXIX, p. 54.
- (16) Ibidem, p. 55.
- (17) Idem, Cap. LXV, p. 80.
- (18) Idem, Cap. LXV, p. 81.
- (19) Ibidem, p. 81.
- (20) Ibidem, p. 81.
- (21) Idem, Cap. LXVI, p. 82.
- (22) Ibidem, p. 82.
- (23) Idem, Cap. LXXVIII, p. 93.
- (24) Idem, Cap. LXXX, p. 95.
- (25) Idem, Cap.
- (26) Idem, Cap. C, p. 113.
- (27) MIGUEL-PEREIRA, Lúcia. Machado de Assis. In: *Prosa de Ficção*. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio, 1973. p.
- (28) ASSIS, Machado de. *A Mão e a Luva*. Ed. Aguilar, Vol. 1, Rio de Janeiro, 1962. p. 214: "O muro do fundo tinha uma larga fenda, por onde se via parte da chácara pertencente a uma casa da vizinhança. A fenda era recente; e Guiomar acostumara-se a ir espiares ali os olhos, já sérios e pensativos. Naquela tarde, como estivesse olhando

para as mangueiras, a cobiçar talvez as doces frutas amarelas que lhe pendiam dos ramos, viu repentinamente aparecer-lhe diante, a cinco ou seis passos do lugar em que estava um rancho de moças, todas bonitas, que arrastavam por entre as árvores os seus vestidos, e faziam luzir aos últimos raios do sol poente as jóias que as enfeitavam”.

A sugestão da utilização deste texto da “fenda” está em: A. Bosi. “A máscara e a fenda”. Revista Encontros com a Civilização Brasileira nº 17, 1979.

- (29) CHAVES, Flávio Loureiro. *O mundo social de Quincas Borba*. Porto Alegre, IEL/DAC/SEC, Editora Movimento, 1974, p. 49.
- (30) ASSIS, Machado de. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Rio de Janeiro, Ed. José Aguilar, 1962. p. 513: “Eu tinha a paixão do arruído, do cartaz, do foguete de lágrimas”.
- (31) *Dom Casmurro*. Cap. XLIV, p. 61.
- (32) Idem, Cap. CII, p. 115.
- (33) JACQUES, Alfredo. *Machado de Assis — Equívocos da Crítica*. IEL/DAC/SEC. Editora Movimento, Porto Alegre, 1974, p. 104.
- (34) *Dom Casmurro*. Cap. LXXXIII, p. 97.
- (35) Idem, Cap. XXXI, p. 44.
- (36) BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo*. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1967, 2º vol., p. 461.
- (37) *Dom Casmurro*. Cap. XLIII, p. 59.
- (38) MIGUEL-PEREIRA, Lúcia. Ob. cit., p. 105.